

ENTREVISTA/José Altino Machado

“Demarcação expulsa o garimpeiro”

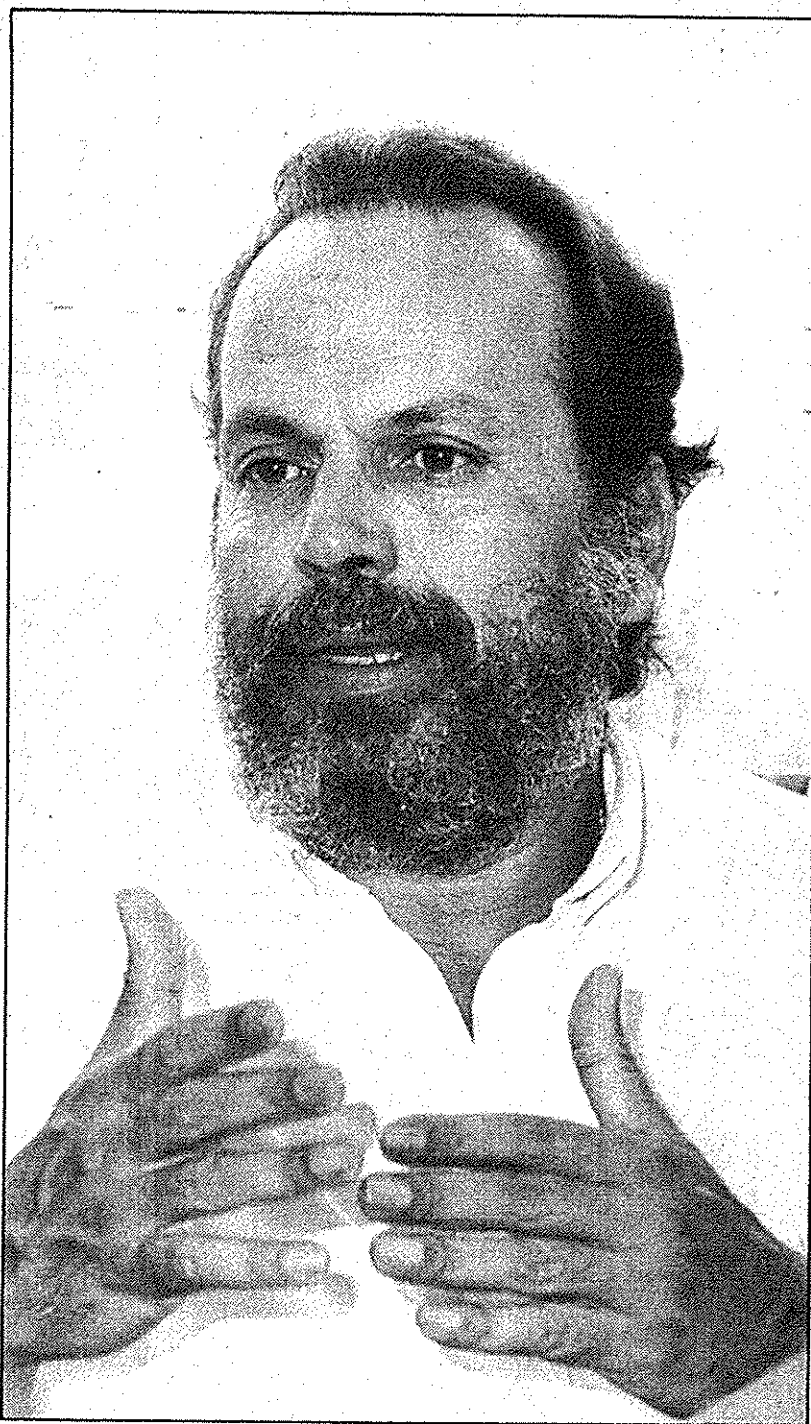
Hélio Mota

O incidente com um avião monomotor brasileiro que abastecia garimpeiros instalados em território venezuelano evidenciou um conflito de fronteira entre Brasil e Venezuela. Segundo o delegado nacional da União Sindical dos Garimpeiros da Amazônia Legal (Usegal), José Altino, esse é 12º incidente em pouco mais de um ano naquela área, sem que até agora se tenha chegado a uma solução que contemple os interesses de brasileiros e venezuelanos.

O problema, segundo José Altino, é a falta de definição da fronteira, uma área mineral das mais ricas do planeta em ouro e cassiterita. Isso é agravado com o pensamento nacionalista que, segundo ele, existe no Exército venezuelano, onde os garimpeiros são tidos como “testa-de-ferro do imperialismo brasileiro” e com a expulsão dos garimpeiros das áreas minerais de Roraima.

José Altino, mineiro de Governador Valadares, aviador civil que desde 1967 se dedica ao garimpo (foi o segundo piloto a pousar em Serra Pelada), fundou a Usegal, reunindo 19 sindicatos de garimpeiros e foi seu primeiro presidente.

Ele lamenta a falta de empenho da diplomacia brasileira e traça um paralelo entre a situação dos garimpeiros na fronteira com a situação dos brasileiros em geral, considerados, em todo mundo, *persona non grata*. O avião abastecia garimpeiros brasileiros e foi metralhado.



Machado: há brasileiros na Venezuela, Guiana, Bolívia e Peru

diferente. É o sistema de agregados, onde todos trabalham juntos. Um fica com tantos por cento e o outro com outros tantos por cento. Se der errado, estão todos quebrados. Se der bem, todos ganham. É um trabalho comunitário, pois o garimpeiro não pode trabalhar sozinho. Ele não sobrevive.

E o contrabando de ouro?

Isso não existe, até mesmo porque nenhum garimpeiro concentra nas mãos grandes quantidades de ouro, já que o produto é dividido entre todos os participantes do trabalho. Se houver, porque a pessoa se arriscar a pegar malária na selva, quando pode comprar ouro em qualquer escritório de venda em São Paulo?

Esse sistema de divisão do produto do trabalho não implica em injustiças e violência?

Não. Isso não existe. Primeiro pelo grande número de garimpos. Violento não se pode ser, por que a pessoa desaparece logo na saída. E se houver injustiça, eles vão embora, porque há mais de dois mil garimpos próximos. Quem não é justo fica trabalhando sozinho ou apenas com os peões bravos, que não têm a ciência do garimpo.

Fala-se muito do envolvimento do narcotráfico com o garimpo. Até que ponto isso é verdade?

As instalações do garimpo não servem para o narcotráfico. As pista de pouso do garimpo são feitas para pouso e não para decolagens. O avião pouso carregado, mas tem que decolar vazio. O narcotráfico requer pistas capazes de suportar as decolagens dos aviões carregados.

O que é feito para evitar que pessoas desonestas se instalem no garimpo?

“Em Serra Pelada, o Governo chegou, botou a Caixa Econômica e disse: eu quero é o ouro — ninguém vai tirar aquela gente dali porque não saem e não interessa”

É como um time de futebol. Entrava só um por ano. E o time, com todos os 11, continuava jogando com a mesma cadência. Aí teve um ano que entrou um número muito maior do que o time que estava jogando. Alguns lugares foram mais atingidos por isso. Roraima, norte de Mato Grosso, o sul do Pará. A desgraça é o raio da estrada, que possibilita a penetração de qualquer um.

Quer dizer então que as migrações quebraram o equilíbrio do garimpo?

E verdade. O equilíbrio existia com a natureza, porque nunca tinha havido problema ambiental. Havia equilíbrio com as comunidades indígenas porque sempre se trabalhou ao lado delas sem qualquer problema. Os índios estavam acostumados, os Mundurucus, no Tapajós, os outros de Rondônia, os Ianomamis, em Roraima, a conviver com um número médio de garimpeiros compatível com eles.

E como os garimpeiros se vacinam contra essas invasões?

A gente se retira. Garimpeiro profissional não mexe perto de garimpo perto de estradas de rodagem. Foi o caso de Roraima. Só seis que ficaram contaminados, por causa de uma pista chamada Papiú, que era da Funai. Desde que a Funai abandonou a pista, todo garimpeiro que chegava ia para lá.

Assim, o problema poderia ser solucionado parando-se essas migrações?

Se o Governo decidir que os aventureiros que chegaram devem se retirar é uma coisa. Mas querer juntar todo mundo, prejudicando aqueles que vivem do garimpo há décadas, é outra coisa muito diferente. Querem que eles cessem as suas atividades é inimaginável.

É possível para o Governo administrar o garimpo?

Possível é. Mas sempre falta interesse político. Veja o caso de Serra Pelada. Não se discutiu como administrar a mina, como canalizar água, como e onde construir a vila etc. O Governo chegou, botou a Caixa Econômica e disse: eu quero é o ouro. A discussão maior é se Serra Pelada virava garimpo ou se devolvia para a Vale do Rio Doce. E o Congresso politicamente votava mais tempo para os garimpeiros. Aí formou-se o problema. Ninguém vai tirar aquela gente dali, porque de boa paz não acredito que saiam e politicamente não interessa.

Com o caso do avião abatido a tiros na Venezuela, ficou claro que os garimpeiros são indesejáveis por lá. O mesmo acontece no lado brasileiro?

A demarcação da área indígena e a pressão do Governo no garimpo têm provocado uma corrida dos garimpeiros para outros países. Tem um número grande de garimpeiros brasileiros na Guiana Francesa, um número absurdamente grande lá dentro da Venezuela, na Bolívia, no Peru. Mas

“Chegaram a prender muita gente dentro do Brasil e levaram, alegando que era Venezuela; o Itamarati admitia, depois a área se transformava em Brasil outra vez”

precisamente nesta área onde houve o incidente, estão espremidos os garimpeiros radicados em Roraima. Pressionados pelo governo federal brasileiro e pela Venezuela que não aceita a presença deles sobre a maior riqueza mineral reconhecida dentro do planeta.

Como eles vivem, então?

Eles ficam naquela oscilação de uma fronteira para a outra. Pressiona muito no Brasil, pula mil dois mil metros dentro da Venezuela. Pressiona de lá, ele pula pra cá. A indefinição do que eles devem fazer é que tem provocado isto.

Há uma área indígena no lado venezuelano?

A Venezuela nunca demarcou área indígena. Lá são criados parques nacionais, sem tocar no nome do índio, nem na palavra. Uma das grandes mentiras brasileiras é o discurso do presidente Fernando Collor, quando ele falou “a exemplo da Venezuela que demarcou oito milhões etc e tal do lado deles eu estou demarcando também”. Mas lá nunca se demarcou área indígena. O único país do mundo que dá área indígena e garante o direito dos índios é o Brasil.

Qual, então, a causa do problema?

Mas veja bem. Lá são criados os parques e no momento que desejam, desentranham de um parque nacional uma área mineralizada. Como lá não há qualquer tradição mineral e agora têm conhecimento de que aquela área é uma das grandes riquezas do planeta e a fronteira é indefinida, somado ao fato de que há nacionalistas dentro do Exército venezuelano que imaginam que o Brasil quer tomar pedaços da Venezuela, acham que os garimpeiros são testa-de-ferro do imperialismo brasileiro. Além do radicalismo nacionalista, há a indefinição da fronteira, o que o faz com que mil

metros para um lado ou mil metros para o outro, põem uma fortuna para um país ou para o outro. Chegaram a prender muita gente em território brasileiro e levaram, alegando que era Venezuela; o Itamarati admitia, depois aquela área se transformava em Brasil outra vez.

Quem prendia garimpeiros brasileiros?

A Guarda venezuelana. Destruía tudo e levava os brasileiros presos. Nós dizíamos que era Brasil e que a prisão era ilegal. A Corte venezuelana soltava porque o Exército venezuelano não era capaz de definir se era Venezuela. O juiz soltava exatamente porque o Exército venezuelano não era capaz de definir em Juízo se havia prendido dentro da própria Venezuela. E o Itamarati nunca levou esses fatos na devida consideração.

Enquanto o Exército venezuelano está tão vigilante nessa área, o que existe do lado brasileiro?

No centro da área, do lado brasileiro, tem o pelotão de fronteira de Surucucus. Eles mal têm dinheiro para manter a comida do pelotão. Eles não dispõem de meios de locomoção. Todas as 12 vezes que aconteceram incidentes, inclusive esta última, nós solicitamos a presença de oficiais e soldados do Exército Brasileiro apenas para criar um diálogo ali na fronteira ou para estabelecer respeito para que pudéssemos definir as coisas melhor. Nenhuma das vezes o Exército pôde atender porque estava imobilizado.

Mas por que os garimpeiros não oferecem esses meios?

Eles não podem aceitar. Só podem se deslocar em aeronaves oficiais, acho que é questão de regulamento ou da própria lei. O fato é que não aceitam. Tenho certeza que a alegação sempre é que eles não podem usar de meios particulares porque seria dito que estariam atendendo interesses particulares.

Qual a dimensão da área em conflito?

As áreas conflitadas de extração mineral juntas dão três Portugal. Roraima tem 234 mil quilômetros quadrados, dos quais 68 por cento são comprometidos. O que não é dos índios, tem uma reserva do Exército Brasileiro com dois milhões e 800 mil hectares, tem uma reserva ecológica de dois milhões de hectares no meio, o que significa no final das contas Roraima na verdade tem 32 por cento do território. Tem o lavrado estéril no meio disso e os espaços de água para descontar. Isso provoca um movimento de rotação profissional lá dentro que é uma coisa brutal, não se tem para onde ir e não se tem o que fazer.

Mas a área conflitada com a Venezuela?

Essa área de fronteira representa hoje quase 50 por cento da área de cobertura da floresta, das terras férteis temos ali quase 70 por cento das terras agricultáveis de Roraima. Isso significa que não houve critério seletivo de

área para se fazer a reserva ianomami. Para começar, os índios também não têm a posse imemorial daquelas terras, porque eles foram para cima daquelas montanhas por causa da construção da Perimetral Norte, empurrados das várzeas em que moravam. Houve assim uma falta de critério para acomodar a sociedade envolvente com a sociedade primitiva daquele lugar.

Como é que a pessoa se habilita para ser garimpeiro?

Até 1989 tinha uma carteira de garimpeiro. Era uma matrícula que se tirava junto à Receita Federal e por força da qual a pessoa estava autorizada a garimpar numa determinada região fiscal. Em 1989 mudaram a lei. A partir de então ficou estabelecido que quando o garimpeiro achasse qualquer coisa ele requeria a permissão de lavra. Então cassaram a carteira ao implantar a nova lei. Só que a nova lei jamais foi aplicada. Nunca mais o Governo Federal expediu uma só autorização de lavra para nenhum garimpeiro. Desta forma, não existe hoje no Brasil nenhum garimpeiro legal. Assim, dependendo do caso, usa-se a ilegalidade do garimpeiro como retórica política. Quando se vai tratar a posse da jazida usa-se a ilegalidade do garimpeiro para turbar sua posse. Mas o que acontece, na verdade, é que os garimpeiros nunca foram ilegais no Brasil. Eles foram tornados ilegais no sabor do desejo dos governantes.

Quantas pessoas estão nessa situação?

O governo teria que expedir hoje 500 mil permissões de lavra para garimpeiros com direito adquirido.

“Tão logo a lei saiu, todos se organizaram em empresas e pediram ao DNPM a sua regularização, mas o diretor diz, alto e bom som, que a lei é inaplicável”

Os garimpeiros têm solicitado a regularização?

Têm. Logo que saiu a lei, todos se organizaram em empresas individuais ou coletivas e pediram ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) a regularização. Mas seu diretor diz, alto e bom som, que a lei é inaplicável.

Esses garimpeiros têm empregados?

Não. No garimpo não há empregados.

Mas em Serra Pelada havia?

Não exatamente. O que aconteceu é que no garimpo foi estabelecido um sistema de trabalho